

EDITORIAL

“As palavras de *Infância* diziam um mundo desconhecido que transitava de Alagoas a Pernambuco e chegava ao Amazonas por meio de uma voz áspera. Um mundo povoado por personagens inesquecíveis [...]” Neste trânsito da literatura de Graciliano Ramos, sobre o qual se debruça o escritor Milton Hatoum na crônica “Um jovem, o Velho e um livro”, aqui citada e publicada, já se anunciam as recepções, as apropriações e a celebração da obra do autor alagoano que serão exploradas ao longo deste volume, por meio de entrevista, artigo, depoimento e resenha. O escritor, cujo primeiro romance, *Caetés*, completou 80 anos de lançamento recentemente, em 2013 – ano que também marcou os 50 anos da sua morte e da publicação de *Memórias do cárcere* – terá aqui a sua produção cultural examinada por pesquisadores e escritores que apontam tanto novas possibilidades de tematização quanto discutem e questionam antigos pressupostos que marcaram a sua fortuna crítica e a nossa historiografia.

O volume se abre com a entrevista concedida pelo escritor, crítico e ensaísta Silviano Santiago aos pesquisadores Ângela Maria Dias, Daniela Birman e Wander Melo Miranda. Na conversa, esteve em pauta não apenas a obra literária de Graciliano, mas também aquela do entrevistado e, em especial, a sua afinidade com o *corpus* ficcional do autor em questão: “Meu diálogo com Graciliano é o diálogo que comecei a manter com a família que me dei de presente na falta da família verdadeira, ou real”, diz Silviano Santiago.

Nos artigos reunidos neste Dossiê, os críticos percorrem caminhos diversos pela obra do escritor alagoano. Luiz Costa Lima inicia esta seção com o texto “A vida, um fiapo”, em que identifica e

analisa na fortuna crítica do autor vias contrárias à convenção realista e documental postulada pela tradição. Luís Bueno se debruçou sobre os textos de crítica de autoria do próprio Graciliano, examinando a partir deste material sua visão sobre o gênero romance e sua relação contraditória com os intelectuais de esquerda da época. Pedro Dolabela observou em *Caetés* a dimensão mais ampla da tradição romanesca, tal qual sistematizada por René Girard. Realizou isto, contudo, sem negar a possibilidade deste romance oferecer uma interpretação cultural do Brasil, em especial pela exploração da figura dos *fillers* por Franco Moretti.

Jobst Welge examina a filiação dostoeivskiana de Luís da Silva, sugerindo as reapropriações desta mesma linhagem “existencialista” em outras ficções latino-americanas, especialmente as argentinas, como *El jorobadito*, de Roberto Arlt (1933), e *El túnel*, de Ernesto Sábato (1948). *Angústia* também é objeto de estudo de Elizabeth Ramos. Em seu artigo, a autora aproxima este romance de *Memórias do Cárcere*, estabelecendo uma ligação entre a perseguição sofrida pelo escritor durante a ditadura de Getúlio Vargas e o confinamento narrativo e espacial do narrador Luís da Silva.

Fernando Rocha enfoca a política identitária do nome e seus legados no processo de construção material de citações em *São Bernardo*. O caminho percorrido por Ricardo Luiz Pedrosa Alves é diverso. Ele discute a “autolegitimação literária e intelectual em operação em *S. Bernardo*”, a partir das tensões entre a literatura e a formação social, divisando o lugar da “conciliação problemática” do livro com o próprio ambiente rural. Já Gustavo Silveira Ribeiro constrói uma leitura de *Vidas secas* a partir da filosofia de Jacques Derrida e Emmanuel Lévinas, apoiando-se, sobretudo, nas categorias de *acolhimento* e *hospitalidade*.

O afastamento de uma leitura documental e puramente “confessional” por meio da exploração das ligações entre a memória e a imaginação foi trabalhado de formas distintas por Carolina Duarte Damasceno Ferreira e Daniela Birman. Tomando também como

objeto *Angústia*, Damasceno explorou a instabilidade e a ambiguidade presentes na célebre cena do assassinato de Julião Tavares e os recursos de aproximação entre os planos da ação e da narração, da memória e da invenção. Já Daniela Birman procurou mostrar os vínculos da ficção e da imaginação com as memórias da cadeia ao examinar dois manuscritos de Graciliano guardados no IEB. Este texto, que encerra a seção “Artigos”, é seguido de um pequeno caderno de documentos no qual são apresentados momentos-chave da repressão policial sofrida pelo escritor. Extraídos de um universo bem mais extenso, os registros foram selecionados do prontuário de número 11.473, aberto para o autor em 1948 na antiga Divisão de Polícia Política e Social, ligada ao Departamento Federal de Segurança Pública.

A seção “Depoimento” publica a leitura por Ângela Maria Dias de *Caetés*. Retomando a perspectiva já exposta em seu trabalho de doutoramento acerca da “desformalização do romance” memorialístico por Graciliano Ramos, a autora nota no procedimento de autoironia de João Valério o decisivo atravessamento do sujeito pela experiência da temporalidade narrativa. Na seção dedicada à resenha, Lúcia Ricotta apresenta o livro *Garranchos. Textos inéditos de Graciliano Ramos* (2012), organizado por Thiago Mio Salla. Reunindo escritos de diferentes gêneros (crônicas, discursos políticos, textos de crítica, de teatro, entre outros), datados da década de 10 a década de 50, esta obra poderá sem dúvida revelar ao pesquisador e leitor contemporâneos novos enquadramentos para a ficção em prosa e, de modo mais amplo, para a produção cultural do autor em questão.

A seção “Ficção” fecha este Dossiê com a já citada crônica “Um jovem, o Velho e um livro”, de Milton Hatoum, e com “Perdido no círculo”, de Ronaldo Brito. Neste último, o escritor apresenta a autobiografia de um autor ficcional que, desde logo, declara: “Uma vida não se conta, uma vida não conta”. Com estilo aforismático e sentencioso, o narrador, sofismando sobre a vida, resume a sua própria trajetória às frases erráticas de um “eu” caprichoso, atualizando assim a bufonaria e a ironia machadianas. Entre o “eu” e a escrita, esta prosa

constitui um círculo dialético por meio da negatividade, sobretudo quando considera que “tudo podia perfeitamente não ter ocorrido, a começar por mim”.

As múltiplas perspectivas sobre Graciliano Ramos aqui sumarizadas funcionarão, esperamos, como indicadoras do esforço crítico atual em retomar a tradição de linhagens historiográficas já sedimentadas e em explorar mudanças nos parâmetros interpretativos da prosa do autor. Afinal, este “trânsito da literatura” do escritor alagoano, com o qual iniciamos este editorial, não possui mão única nem deve ser cristalizado numa leitura hegemônica.

Daniela Birman

Lúcia Ricotta